

J. L. Butler

Tu És Meu!

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para JP

Prólogo

Não recordo grande coisa da noite em que devia ter morrido. É engraçado como a mente consegue bloquear as recordações que já não quer guardar. Vocês sabem como é. Mas, se fechar os olhos, ainda consigo ouvir os sons daquela noite de Maio. O uivo de um vento frio tão a despropósito da estação. O bater da janela do quarto. O mar a raspar os seixos da praia, ao longe.

Também estava a chover. Lembro-me desta parte porque o leve tamborilar da chuva no vidro continua nítido na minha cabeça. Por um instante foi hipnótico. Por um instante disfarçou o som dos passos dele lá fora: *tap, tap, tap*, solas de sapatos contra lajes de pedra em passos lentos, determinados.

Eu sabia que ele vinha e sabia o que tinha de fazer.

Deitada debaixo do edredão na cama de ferro, obriguei-me a ficar calma. A fraca luminosidade dos candeeiros do caminho costeiro insinuava-se no quarto. Em circunstâncias normais, aquela penumbra espectral apaziguar-me-ia, mas nessa noite fez-me sentir mais sozinha, como se estivesse a flutuar no espaço sem uma amarra.

Cerrei os punhos, a esperar, a pedir que o reconfortante crepúsculo do novo dia se apresentasse à janela. Mas sabia, mesmo sem olhar para o relógio, que isso estava ainda a pelo menos quatro ou cinco horas de distância e não precisava de dizer a mim mesma que seria demasiado tarde. Os passos estavam mesmo ao pé da casa e o leve ruído metálico de uma chave a ser introduzida na fechadura ecoou escada acima. Era

difícil distinguir os sons no grande e velho casarão, estava demasiado cansada e sem forças para isso...

Como fora que me metera naquilo? Tinha ido para Londres em busca de uma vida melhor, para me enriquecer com novas experiências, para conhecer pessoas mais interessantes. Para me apaixonar. E agora ali estava eu: um exemplo, um aviso...



Ouvi o ranger da porta da frente a abrir-se. Uma corrente de ar gelado entrou pelas frinchas do caixilho da janela e picou-me o nariz. Estava frio como numa morgue; uma comparação macabramente adequada. Eu até estava estendida como uma múmia, os braços pousados de ambos os lados do corpo, os dedos trémulos enfiados debaixo das coxas, pesados e imóveis como se fossem pesos mortos, a ancorarem-me à cama.

Quando os passos chegaram ao alto das escadas, tirei as mãos do seu quente esconderijo e pousei-as no algodão fresco da capa do edredão. Tinha os dedos enclavinados, as unhas a fazer pressão contra as palmas das mãos, mas pelo menos estava pronta para lutar. Suponho que era a advogada que havia em mim.

Ele hesitou do outro lado da porta do quarto e o momento pareceu comprimir-se num silêncio frio, suspenso. Ir para ali não tinha sido boa ideia. Fechei os olhos e desejei com muita força que aquela lágrima solitária não escorresse para a minha face.

Um suave roçar de madeira na alcatifa quando a porta se abriu. Todos os instintos do meu corpo me gritavam que saltasse da cama e fugisse, mas eu tinha de esperar para ver se ele o faria, se seria capaz de o fazer. O coração martelava-me no peito, tinha os membros paralisados pelo medo. Mantive os olhos fechados, mas sentia-o de pé a meu lado, o meu corpo a recuar para uma sombra ameaçadora. Até conseguia ouvi-lo respirar.

Uma mão tapou-me a boca, o seu toque frio e alienígena contra os lábios secos e franzidos. Abri os olhos e vi uma cara a poucos centímetros da minha. Estava desesperada por ler-lhe a expressão, desesperada por saber o que estava a pensar. Separei os lábios à força, pronta para gritar, e então esperei que as coisas seguissem o seu curso.

Capítulo 1

Três meses antes

Tinha chegado há cinco minutos quando senti uma presença à porta do meu gabinete.

– Anda, volta a vestir o casaco. Vamos sair – disse uma voz que reconheci sem ter de olhar.

Continuei a escrever, concentrada no som do aparo da caneta a deslizar pela página, um som do mundo antigo nesta idade digital, na esperança de que se fosse embora.

– *Chop-chop* – disse ele, a exigir a minha atenção.

Olhei para o nosso presidente e ofereci-lhe um sorriso relutante.

– Paul, ainda agora voltei do tribunal. Tenho trabalho para fazer, ordens para dactilografar... – protestei, tirando um punhado de papéis da minha mala de piloto. Reparei que tinha um rasgão no couro e tomei uma nota mental para o mandar reparar.

– Almoço no Pen and Wig – anunciou. Tirou o meu casaco preto do cabide e segurou-o de modo a permitir-me enfiar os braços.

Hesitei um instante, e então resignei-me ao inevitável. Paul Jones era uma força da natureza e insubordinação não constava da lista de opções.

– Qual é a ocasião? – perguntei, a olhar para ele como se uma excursão para o almoço fosse a mais extraordinária das sugestões. A maior parte das vezes era. Acho que não tinha comido mais do que uma sanduíche sentada à secretária nos últimos seis meses.

– Entrou uma nova associada na Mischon's. Achei que era altura de se encontrarem.

– Alguém que eu conheça?
– Veio de Manchester. Vão dar-se bem.
– Aliciar clientes com o cartão do Norte – disse eu com um sorriso, a puxar pelo meu sotaque nortenho por uma questão de efeito cômico.

Peguei na mala, saímos do gabinete e descemos a comprida escada em curva que mergulhava nas entranhas do edifício. Parecia uma cidade-fantasma, se bem que naquela altura do dia – pouco depois da uma – isso não fosse invulgar. Os funcionários tinham ido almoçar, os telefones tinham-se calado e os advogados ainda estavam no tribunal ou no caminho de regresso.

Quando chegámos à rua, o vento cortante de Fevereiro bateu-me na cara e fez-me sustar a respiração. Ou talvez tenha sido a visão de Middle Temple que, depois de quinze anos a trabalhar lá, ainda era capaz de me deslumbrar. Naquele dia tinha uma beleza particularmente sombria. Ensanduichado entre o rio e Fleet Street, Middle Temple, um dos quatro Inns of Court de Londres, é um dédalo de claustros e edifícios históricos, uma pedaço de Londres que ficou encravado no tempo, um dos poucos lugares da cidade que à noite ainda tem iluminação a gás, bem a condizer com dias húmidos e cinzentos como aquele.

Enfiei as mãos nos bolsos enquanto nos dirigíamos ao *pub*.

– Um bom dia?

Aquilo era, na linguagem de Paul, o equivalente a perguntar *Ganhaste?*

Era importante para ele saber como nos estávamos a sair em todos os nossos casos. Gostava muito do nosso escrivão de direito. Era quase patronal no apoio que nos dava, embora eu não tivesse ilusões quanto ao altruísmo da sua preocupação. O trabalho para todos os advogados da sociedade chegava através de referências e recomendações pessoais, e Paul, que devido às suas funções controlava todo o sistema, recebia uma percentagem de todo o dinheiro que entrava.

– Não tens nada de interessante esta tarde, pois não? – perguntou.

– Reunião preliminar com advogado e cliente. Divórcio, muita massa.

– Quanta? Já sabes?

– Não na ordem do Paul McCartney. – Sorri. – Mas a suficiente.

O nosso presidente encolheu os ombros.

– É pena. Davam-nos jeito mais uns quantos casos daqueles que fazem os cabeçalhos dos jornais. Mas, mesmo assim, bom trabalho, doutora Day. Um divórcio dessa ordem de grandeza é regra geral trabalho para um seda, mas o procurador foi explícito: quer-te a ti.

– É o Dave Gilbert. Mando-lhe uma garrafa de excelente *scotch* no Natal e ele é bom para mim todo o ano.

– Talvez saiba que, em termos de qualidade-preço, és a melhor advogada de Londres. Eu não hesitava em ir bater-te à porta se a patroa fugisse com um milionário da sucata – disse, e piscou-me o olho.

O Pen and Wig, um típico *pub* de advogados que matava a fome e a sede a causídicos desde o tempo da rainha Vitória, ficava a poucos minutos de distância dos escritórios. Fiquei grata pela lufada de ar quente que nos sugou para o interior da acolhedora sala de paredes forradas a madeira.

Franzi a testa, surpreendida, ao ver um grupo de colegas reunidos num dos compartimentos da área sobrelevada, no extremo mais afastado do balcão. Era invulgar ver tantos juntos no mesmo lugar, a menos que estivessem a festejar uma vitória na sede.

– Que se passa?

– Feliz aniversário! – Paul sorriu enquanto Charles Napier, o nosso presidente, se voltava e acenava por cima das cabeças das nossas duas estagiárias.

– Não íamos encontrar-nos com uma procuradora? – perguntei, a sentir-me enganada e embaraçada. Embora o meu trabalho exija que me destaque no tribunal, detesto ser o centro das atenções. Além disso tinha, de intenção deliberada, mantido em segredo o facto de fazer trinta e sete anos naquele dia. Uma das razões, e não a mais despi-cienda, era querer esquecer a minha caminhada em direcção aos quarenta.

– Não neste almoço.

Paul sorriu e guiou-me até ao outro lado do *pub*.

– Raios, a plateia está composta – murmurei, sabendo como era difícil encurralar tantos dos meus colegas no mesmo sítio.

– Não deixes que te suba à cabeça. Corre o rumor de que o velho Charlie conseguiu um lugar na lista dos elegíveis para juiz do Supremo.

Penso que está com vontade de festejar e prometeu champanhe a todos os que aparecessem.

– E eu a pensar que ele queria fazer-me um brinde.

– Que vais beber, menina dos anos? – perguntou Paul.

– Lima e refrigerante – disse enquanto ele se dirigia ao balcão, deixando-me continuar sozinha até chegar junto de Vivienne McKenzie, uma das advogadas de contencioso mais antigas da Burgess Court.

– Parabéns, Fran – disse Viv, com um afectuoso abraço.

– Acho que cheguei àquela idade em que gostamos de fingir que é um dia igual aos outros – respondi, despiando o casaco e dobrando-o nas costas de uma cadeira.

– Disparate! – sentenciou Viv, num tom animado. – Tenho mais vinte anos do que tu e continuo a gostar da ideia de novos começos e resoluções frescas... um pouco como o Ano Novo sem o chavão e a pressão de faltar a todas elas antes do Dia de Reis. Então, sabes que dia é amanhã? – continuou, com uma sugestão de cumplicidade.

– O dia a seguir aos meus anos?

– É publicada a Queen's Counsel List. O que significa...

Sorri.

– A realização do sonho de uma vida de alguém.

– Significa que começa a fase de candidaturas à lista de sedas ou seja ao grupo de advogados da coroa do próximo ano – respondeu ela, num murmúrio de palco.

Eu sabia o que vinha a seguir. Na esperança de evitar a conversa, deixei o olhar vaguear pelo *pub*.

– Estás a pensar em candidatar-te? – insistiu ela.

– Não – respondi, com uma irrevogabilidade que não tinha querido admitir nem ante mim.

– Não és demasiado nova, sabes disso, não sabes?

Olhei para ela com uma expressão sardónica.

– É mesmo o que uma mulher quer ouvir no dia em que faz anos.

– A intenção era ser um elogio.

Viv estudava-me com atenção. Já lhe tinha visto aquela expressão noutras ocasiões. As narinas a fremir ao de leve, as sobranceiras um tudo-nada arqueadas, os olhos cinzentos sem pestanejar. Tinha a melhor

cara de tribunal no ramo e aperfeiçoara-a para obter o máximo efeito. Quando era a mentora do meu estágio, costumava observá-la no tribunal e praticar em casa em frente do espelho.

– És uma das melhores juniores na área – disse, com sentimento.

– Os procuradores adoram-te. Assim de repente, sou capaz de nomear uma dúzia de juizes que te dariam excelentes referências. Tens de começar a acreditar em ti.

– Não estou muito segura de que seja o momento certo para me candidatar.

– Vinho e refrigerante para ti. – Paul piscou-me o olho enquanto fazia malabarismos com dois copos de balão, uma garrafa de *Pinot Grigier* e uma lata pequena de *Schweppes*.

– Como soubeste que fazia anos? – perguntei a sorrir, enquanto lhe tirava os copos da mão.

– Faça questão de saber tudo o que se passa na Burgess Court.

Serviu o vinho e ergueu os olhos para mim.

– Então. Seda. Sentes-te à altura, Fran?

– Paul, agora não – disse eu, a tentar levar o interrogatório para a brincaadeira.

– Por que não agora? As candidaturas abrem amanhã – respondeu ele, a olhar para Viv.

As costas largas que estavam à minha frente estremeceram e então voltaram-se.

– Acho que chegou o momento de entrar nesta conversa – disse uma suave voz de barítono.

– Viva, Tom – disse eu, a olhar para aquele que era o meu colega desde que entrara para a sociedade. Era vários centímetros mais alto do que eu, com um físico de remador afinado no Tamisa. – Pensava que Eton te tinha ensinado a arte das boas maneiras.

– E ensinou, mas não resisto a escutar uma conversa. Sobretudo quando o assunto é tão interessante.

Sorrii e acabou de encher o copo com o nosso vinho.

– Então? – disse Paul. – Que pensam os mais distintos juniores da Burgess Court? Candidatam-se ou não à seda...?

– Bem, por mim estou à espera do tiro de partida. Tu não, Fran?

– Não é uma competição, Tom.

– Claro que é – respondeu ele, sem rodeios. – O primeiro dia de estágio, lembras-te? O que disseste? Não obstante a minha «suposta educação superior e espantosa autoconfiança», ias bater-me não só na corrida para a seda mas também em todo aquele ano.

– Devo tê-lo dito para te chatear – disse eu, com fingida secura.

– Disseste-o muito a sério.

Olhei para ele em silêncio, a admitir a minha surpresa por Tom Briscoe ainda não ser conselheiro. A sua reputação como o advogado a procurar pelas esposas-troféus envolvidas em casamentos infelizes não parava de crescer – e que esposa não queria tê-lo a representá-la? O bonito, inteligente e solteiro Tom Briscoe. Tom não se limitava a dar às mulheres aconselhamento legal, dava-lhes esperança.

– Parece que o Charles está a preparar-se para fazer um pequeno discurso – disse Tom, a fazer um gesto de cabeça na direcção do nosso presidente, que batia com uma colher num copo de vidro. – Vou arranjar um lugar na primeira fila.

Paul saiu para receber uma chamada e eu fiquei sozinha com Viv.

– Sabes qual é o problema do Tom?

– Demasiada testosterona na corrente sanguínea?

Sorri, a vê-lo namoriscar com uma das estagiárias.

– Devias ao menos pensar nisso – disse Viv, num tom mais sério.

– O tempo, o esforço, a despesa de candidatar-me à seda... E para quê? Dois terços de nós serão recusados.

– Vejo que fizeste os trabalhos de casa. – Viv cruzou os braços sobre o peito e bebeu um pouco de vinho, pensativa. – Sabes, Francine, tenho uma teoria sobre a questão das diferenças de salários entre os géneros.

– E qual é?

– As mulheres pura e simplesmente não pedem.

Bufei pelo nariz.

– Não estou a brincar. Tenho-o visto vezes sem conta. Os homens acreditam na sua excelência... seja essa crença justificada ou não. – Mantive por instantes um silêncio interrogativo. – O que está de verdade a reter-te?

– Pessoas como o Tom.

– Não permitas que ele te afecte – disse ela, e rolou os olhos nas órbitas.
– Não é ele. É o sistema – murmurei, dando voz ao medo, à paranóia que sentia desde que fora chamada à barra. – Não podes negar que é um *snob*.

– As coisas estão a mudar – disse Viv, com aquelas vogais abertas da Cheltenham Ladies' College que me recordavam que ela não compreendia de verdade.

– Quantos estagiários saídos de escolas inclusivas há, Viv? Quantas mulheres, do Norte, minorias étnicas... O topo da nossa profissão continua cheio de homens brancos, da classe média alta, de Oxbridge, como o Tom.

– Pensei que encararias isso como um desafio – disse ela, enquanto o som cada vez mais insistente de metal contra vidro ecoava pelo *pub*.

– Só precisas de um grande caso, Fran, um desses que viram o jogo, para te tornar notada.

– Um caso que mude a minha vida – disse eu em voz baixa.

– Uma coisa nesse género. – Viv sorriu, aprovadora, e voltámo-nos as duas para ouvir Charles.

Capítulo 2

Só fiquei no Pen and Wig o tempo suficiente para uma bebida antes de voltar ao escritório. Optei pelo caminho mais comprido, através do labirinto de tranquilas ruas secundárias, para poder fumar um cigarro. Ainda não eram duas e já o dia parecia estar a chegar ao fim, os esqueletos das árvores nuas impressos no céu cor de peltre como pinturas rupestres, as nuvens escuras a pesar sobre os telhados, dando à cidade uma tristeza invernal.

Cheguei a Burgess Court poucos minutos depois das duas, a tempo de uma reunião marcada para as duas e um quarto. A nossa associação é sobretudo um grupo que se dedica ao direito de família, com um pouco de trabalho criminal à mistura. Gosto da palavra «grupo» para descrever a colecção de advogados contenciosos que ocupa os vários gabinetes. Faz-me lembrar texugos, uma imagem que resume bastante bem este ramo da lei: homens sérios e industriais com as suas compridas togas pretas e as suas perucas de crina de cavalo e a sua pele caucasiana, embora já se note um pouco mais de diversidade na nossa associação, o que é talvez a razão por que me aceitaram – uma mulher do Norte com a marca de um *piercing* no nariz e educada numa escola inclusiva.

Actualmente, tenho duas áreas de especialidade. Finanças matrimoniais e casos relacionados com crianças. Pensava que a segunda me proporcionaria um trabalho gratificante, com significado social, mas a realidade é feita de casos difíceis, desoladores. Por isso agora concentro-me na área dos divórcios de elevado rendimento, pela mais do que

prosaica razão de o trabalho ser regra geral menos perturbador e, durem os processos o que durarem, sabemos que os clientes têm dinheiro para pagar os honorários. Não vou para casa a pensar que mudei o mundo, mas sei que sou boa naquilo que faço e pago a hipoteca de um apartamento com um código postal N1.

David Gilbert, o procurador que me contratara, já estava à minha espera na recepção. Tinha-se vestido para o frio, com um pesado sobretudo de lã azul-escuro, embora a cabeça fosse calva e brilhante como se fosse um ovo castanho da Burford.

– Estive agora mesmo com a Vivienne – disse ele, pondo-se de pé para me depositar um beijo na face gelada. – Ao que parece, a associação em peso foi até ao *pub* festejar os anos de alguém e nem me disseram.

– Terias vindo e trazido presentes? – brinquei.

– Teria vindo ao escritório com champanhe, no mínimo. Parabéns, a propósito. Como estás?

– Mais velha. Mais sábia.

– O senhor Joy estará connosco daqui a pouco.

– Só tenho de dar um pulinho lá acima. Queres ir entrando? – disse, a apontar para a sala de reuniões. – A Helen pode acompanhar o senhor Joy quando ele chegar.

Subi as escadas até ao meu gabinete, um pequeno espaço por baixo do beiral mesmo lá em cima. Era pouco mais do que um cubículo, mas pelo menos não tinha de partilhá-lo com ninguém.

Peguei nos *dossiers* do caso, tirei uma caneta da caneca e passei a língua pelos lábios, a desejar ter ainda uma embalagem de *Tic Tac* na secretária para disfarçar o cheiro a álcool e a tabaco do meu hálito. Quando voltei a descer, a sala de reuniões dois tinha sido preparada da maneira habitual, com uma travessa de sanduíches e um pequeno prato de biscoitos da Marks and Spencer no meio da mesa de conferências.

A máquina de café de alavanca com que nunca consegui trabalhar mirava-me, ameaçadora, de cima de um pequeno armário de arquivo junto à porta, acompanhada por várias miniaturas de garrafas de *Evian*.

David estava a falar ao telemóvel. Ergueu os olhos e fez-me um gesto a dizer que não demorava.

– Água? – perguntei, e fiz um gesto na direcção das nossas vitualhas.

– Café – murmurou, a apontar para os biscoitos.

Peguei numa chávena e enfrentei a máquina, determinada. Puxei a alavanca com força. Nada aconteceu, de modo que voltei a puxá-la, ainda com mais força, e um jorro de café saltou-me para as costas da mão.

Fiz uma careta de dor quando o líquido me queimou a pele.

– Está bem?

Alguém me entregou um lenço de papel, que usei para limpar a mão escaldada.

– Odeio estas coisas – resmunguei. – Devíamos comprar uma máquina *Nespresso* e acabar com isto.

– Ou talvez só uma cafeteira.

Ergui os olhos e vi um homem de fato a olhar para mim com atenção, o que me distraiu por momentos da sensação de queimadura na pele.

David fechou o telemóvel com um estalido e voltou-se para nós.

– Já se conhecem?

– Não – apressei-me eu a dizer.

– Martin Joy... Francine Day. A Fran faz anos hoje. Talvez possamos pôr um fósforo num desses biscoitos finos e cantar o *Parabéns a Você*.

– Parabéns – disse Martin, os olhos verdes ainda fixos em mim.

– Devia ir pôr essa mão debaixo da torneira da água fria.

– Está ótima – respondi, e virei-me para atirar o *kleenex* para o cesto dos papéis.

Quanto tornei a voltar-me para a mesa, já Martin tinha servido duas chávenas de café. Foi sentar-se à minha frente, ao lado de David, o que me deu uma oportunidade para o examinar. Não era particularmente alto mas tinha uma presença que enchia a sala, uma coisa que notava muitas vezes com pessoas bem-sucedidas. O fato era excelente e o nó da gravata impecável. Devia andar por volta dos quarenta, mas não saberia dizer uma idade exacta. Não havia vestígios de grisalho nos cabelos escuros, apesar de um restolho mínimo de barba à volta do queixo brilhar em tons de castanho-avermelhado sob as fortes luzes da sala de reuniões. As sobrancelhas eram lisas e horizontais por cima dos olhos verde-musgo. As duas linhas que lhe atravessavam a testa davam-lhe uma intensidade que sugeria um duro negociador.

Baixei os olhos e ordenei os pensamentos. Estava nervosa, mas a verdade é que ficava sempre nervosa quando me reunia com clientes pela primeira vez. Tinha consciência do meu desejo de agradar àqueles que me pagavam os honorários, e há sempre um certo embaraçado quando lidamos com pessoas convencidas de que são mais duras e mais espertas do que nós.

– Assumo que leste o processo – disse David. – O Martin é o visado. Recomendei-te como advogada principal.

– É então você que vai bater-se por mim no tribunal – disse Martin, a olhar para mim.

– Tenho a certeza de que o David já lhe explicou que ninguém quer ir a tribunal – disse, e bebi um gole do meu café.

– Excepto os advogados – replicou Martin, no mesmo instante.

Eu sabia como aquilo funcionava. Tinha estado vezes suficientes naquela situação para não me ofender. Os clientes do Direito de Família tendem a ser pessoas zangadas e frustradas, até – senão *sobretudo* – com a sua equipa legal, de modo que as primeiras reuniões são com frequência tensas e quezilentas. Eu preferia lembrar às pessoas que estávamos todos do mesmo lado.

– Na realidade, sou membro de uma organização chamada Resolution. Somos a favor de uma abordagem não confrontacional das disputas conjugais, evitamos o tribunal sempre que possível e encorajamos soluções legais colaborativas.

– Soluções legais colaborativas – repetiu ele devagar. Fiquei sem saber muito bem se estava a troçar de mim por ter recorrido ao legalês. Estava-me a julgar, disso não tinha dúvidas. A mulher. A nortenha. A júnior.

Inclinou-se para a frente na cadeira e olhou para mim.

– Não quero que isto seja difícil, doutora Day. Não sou um homem irrazoável; quero que este processo seja o mais justo possível, mas não posso ficar de braços cruzados e deixar a minha mulher levar tudo o que quer.

– Receio que não possam ser o senhor nem a sua esposa a definir o conceito de «justo» – disse eu, cuidadosa. – É para isso que temos tribunais, juízes, o direito...

Neste ponto, tentei uma nova abordagem.

– Temos alguma ideia da posição de partida da sua mulher?

Claro que já sabia alguns pormenores do caso, depois de passar duas horas da noite anterior a digeri-lo. Mas era sempre melhor ouvir a fonte original.

– Quer metade de tudo. Das casas, do dinheiro, da empresa... Mais uma parte dos lucros futuros.

– O que faz? – perguntei, sem rodeios.

– Dirijo um fundo de arbitragem.

Assenti com a cabeça, como se soubesse o que aquilo queria dizer.

– Negociamos em anomalias no mercado.

– Então é um jogador?

– É um investimento financeiro.

– E dá dinheiro?

– Sim. Muito.

Recordei as palavras de Vivienne McKenzie. A respeito dos homens e da alegre autoconfiança que os faz acreditar que são os reis do mundo.

– Temos apenas trinta empregados, mas é um negócio muito lucrativo. Fundei a empresa com o meu sócio, Alex Cole. Tenho sessenta por cento, e ele o resto. As minhas acções na empresa constituem o grosso dos meus activos. A minha mulher quer que a minha posição accionista seja avaliada pelo valor mais alto possível. Prefere dinheiro a acções.

– Quando criou a empresa? – perguntei, a anotar tudo.

– Há quinze anos.

– Antes do casamento – murmurei. De acordo com o *dossier*, estavam casados há onze anos.

– Talvez devêssemos dar uma vista de olhos ao Formulário E – disse David Gilbert.

Assenti. Já tinha visto as declarações de situação financeira de Martin e da mulher. A dele era muito parecida com as dúzias de outras que tinha visto ao longo dos anos. As propriedades espalhadas pelo mundo, os carros, as obras de arte, as contas bancárias no estrangeiro.

Passei o dedo pela declaração que a mulher tinha entregado.

Donna Joy, trinta e quatro anos, com uma morada em Chelsea, tinha, tipicamente, as grandes despesas e o baixo rendimento pessoal que parecia ser padrão entre as mulheres na sua situação.

A declaração ocupava várias páginas, mas os meus olhos detiveram-se nos pormenores mais notáveis.

– Despesas anuais com almoços: 24 000 libras – murmurei numa voz audível.

– É uma porção de *sushi* – disse Martin.

Ergui o olhar e os nossos olhos encontraram-se. Estava a pensar o mesmo.

– A sua mulher afirma que não pode trabalhar. Fragilidade mental... – notei.

Martin bufou ao de leve pelo nariz.

– Ela alguma vez trabalhou?

– Quando nos conhecemos, era gerente de uma loja de roupas, mas despediu-se quando casámos. Disse que queria educar-se, de modo que paguei um monte de cursos. Sobretudo de arte. Montei-lhe um estúdio. Trabalha lá, mas não lhe chama trabalho por causa do divórcio.

– E vende alguma coisa?

– Muito pouco. Para ser franco, é mais um projecto de vaidade, mas ela gosta. Tem quadros bastante bons.

O rosto dele suavizou-se e dei por mim a perguntar como seria ela. Bonita, um pouco boémia... um modelo com altos custos de manutenção, claro. Senti que a conhecia sem nunca a ter visto.

– E o que está aqui listado. É tudo?

– Quer saber se estou a esconder alguma coisa?

– Preciso de saber tudo. Pensões, contas *off-shore*, participações accionistas, heranças. Não queremos surpresas. Além disso, ela está a pedir uma auditoria forense aos seus negócios.

– A si que lhe parece? – perguntou Martin por fim.

Reparei que a camisa dele era muito branca.

– A sua mulher é jovem, mas desfrutou de um elevado padrão de vida durante o casamento. Vocês têm aquilo a que chamamos um casamento de média duração. As exigências dela teriam mais peso se fossem casados há mais de quinze anos, menos se fossem casados há menos de seis.

– Estamos então nessa área cinzenta que a lei adora.

– As provisões a favor do cônjuge financeiramente mais fraco são generosas. O ponto de partida é em regra a igualdade. Mas podemos argumentar que

ela não contribuiu na realidade para a acumulação de riqueza, que a empresa não deve ser incluída na comunhão de adquiridos. – Examinei o processo, para verificar um pormenor. – Não têm filhos. Isso ajuda.

Olhei para ele a aperceber-me de que não devia ter dito aquilo. Tanto quanto sabia, a relação podia ter falhado por causa da incapacidade de constituir família. É uma daquelas coisas que nunca descobri como advogada de divórcios. Sabia que as pessoas queriam divorciar-se e aconselhava-as sobre a maneira de o fazer. Mas nunca soube na verdade *porquê*, exceptuando os casos óbvios de infidelidade ou comportamento irrazoável. Nunca cheguei de verdade a saber o que levava duas pessoas que em tempos se tinham amado a, em alguns casos, odiarem-se uma à outra.

– Queremos um acordo definitivo.

– Com certeza – assenti.

– Que espécie de partilha acha que posso realisticamente esperar?

Eu não queria ser forçada a avançar um número, mas Martin Joy era o género de cliente que espera respostas.

– Podemos começar com setenta-trinta e avançar a partir daí.

Pousei a caneta, a sentir-me exausta, espremida. Desejei não ter tocado no vinho com refrigerante à hora do almoço.

Martin abanou a cabeça, a olhar para o tampo da mesa. Tinha pensado que ficaria satisfeito com a sugestão de que talvez pudéssemos evitar uma partilha *fifty-fifty*, mas a verdade era que parecia em estado de choque.

– Que acontece a seguir?

– Daqui a dez dias teremos a audiência preliminar.

– E nessa altura serão tomadas decisões?

Parecera composto durante toda a reunião, mas começavam a surgir sinais de ansiedade.

– A resposta está no nome. Tudo muito preliminar, receio.

– Ótimo – disse ele, desconfortável.

Lá fora escurecia. Martin pôs-se de pé e puxou os punhos da camisa de dentro das mangas do casaco. Primeiro uma, depois a outra. Então olhou para mim.

– Fico à espera do nosso próximo encontro, doutora Day.

Estendi-lhe a mão e quando ele fechou os dedos à volta dos meus percebi que também eu ia ficar à espera do nosso próximo encontro.